



Bem longe dos palcos tradicionais, o premiado diretor Amir Haddad, mesmo sem patrocínio, desenvolve um trabalho original e criativo junto ao público aliado do processo cultural

Pé na lama, olho nas estrelas

Amir Haddad comemora 60 anos sem abrir mão de um teatro de rua que fale do cotidiano dos excluídos

ROBERTA OLIVEIRA

No dia 10 de abril de 1984, um milhão de pessoas ocuparam o Centro do Rio para gritar pelas Diretas Já!. Entre os manifestantes, um grupo de atores. No meio da peça-manifestação, um menino de rua de uns sete anos começou a puxar a barra da calça do diretor Amir Haddad, que comandava a encenação. Nas mãos, o garoto de cabelos desgrenhados e coberto de trapos trazia um pedaço de papel onde estava escrito: "Sou sardão-mudo". De tanto insistir, o menino ganhou uma das misturas que os manifestantes usavam e, de quebra, um pai — o próprio Amir —, que comemora 60 anos amanhã com uma grande festa na Lapa, na sede de seu grupo, o Tá na Rua, e com disposição e alegria suficientes para viver mais 60.

Se o relato acima não dá a proporção da carreira de sucesso de Amir, consegue demonstrar que a ganância dada pelo diretor na década de 70, trocando o teatro tradicional pelas ruas, deu certo. O pequeno Sandro, o menino de rua das Diretas Já!, não

foi o único a ser seduzido por Amir. Em seus 40 anos de carreira, este mineiro da pequena cidade de Guaruá, adotou outro menino de rua, Valério, desenvolveu um trabalho inovador junto às comunidades cariocas e, no teatro tradicional, conquistou diversos prêmios, sendo considerado um dos melhores diretores de atores do Brasil. "O que mais me contagia no Amir é o prazer que ele tem em fazer teatro e comandar os atores, de uma forma completamente diferente de qualquer outro diretor", diz Cláudia Abreu, que vai trabalhar com Amir na peça *Noite de Reis*, em outubro, no CCBB.

Mas nem sempre foi assim. Quando Amir, no auge de sua carreira, largou tudo para ir para as ruas, muitos disseram que ele era louco. Ele preferia se considerar um camaleão. Um camaleão que discursava e vendia produtos. "A limitação que o teatro profissional da época me impunha, a ditadura militar e o fato de trabalhar para uma plateia que tinha legitimidade aquele poder arbitrário que estava me massacrando me fizeram romper com o espetáculo tradicio-

nal", lembra Amir. O diretor encontrou uma nova fórmula de se comunicar com a plateia. Bem longe dos palcos tradicionais, em que os atores ficam de um lado e os espectadores do outro, nas montagens do Tá na Rua a relação é mais do que íntima. "No final, eles chegam a nos convidar para um cafezinho", comenta.

A linguagem das apresentações busca conquistar este público em sua maioria aliado do processo cultural. "Nos preocupamos em abordar temas que tenham relação com o cotidiano dos brasileiros", diz. Não é preciso conhecer toda a carreira de Amir, que fundou o Teatro Oficina ao lado de José Celso Martinez Correia, no início dos anos 60, para saber que seu trabalho sempre teve um pé na política. "Nunca quis me fiar a nenhum partido porque sei que estaria à mercê dele, mas sempre me preocupei em provocar a reação das pessoas", conta.

"Ele é um dos poucos diretores que conseguem ter uma visão social do fenômeno cultural no Brasil", elogia o ator Pedro Cardoso, que trabalha com Amir desde 1982 em peças como o sucesso *O analfabeto*.

Amigos desde os tempos da Oficina, apesar de alguns arranhões que deixaram a dupla sem se falar durante quatro anos, Ze Celso, que também comemora 60 anos em 1997, destaca a importância de Amir na sua trajetória. "Eu não passava de um menino tímido. Foi ele que me impôs o teatro", afirma.

Citando trechos de *Galiléu Galiléu*, de Bertolt Brecht, um de seus textos preferidos ao lado de *Ricardo III*, de Shakespeare, Amir diz que, assim como o personagem da peça de Brecht, ele tem o dom incontrolável de falar e de ensinar aos outros o que aprendeu. "Sou como um amante, um traidor, um bêbado, o que eu sei, eu falo", comenta. Mas assim como Galiléu, Amir sofreu e sofre até hoje por causa deste dom. "Acho que é pelo que digo nos meus espetáculos que a companhia nunca recebeu um patrocínio. Nunca consegui fazer o espetáculo com o Tá na Rua", lamenta-se ele, que chegou a ver seu espetáculo *A construção* emperado nas mãos da censura, nos anos 60, durante quatro meses.

Sem economizar munhão contra as secretarias de Cultura estaduais e municipais

que nunca se mobilizaram para apoiar o Tá na Rua, Amir acredita que "se houvesse investimento no Rio, o teatro de rua estaria explodindo por aí assim como nos explodiram a Sapucaia", diz, referindo-se ao ano em que a companhia idealizou e animou o também censurado carro abre-alas da Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis, no desfile *Ratos e urubus! Larguem a minha fantasia*, em 1989.

Amir volta a citar *Galiléu Galiléu* quando lembra de outro tipo de preconceito: o dos críticos e dos intelectuais. "Só porque eu fui para as ruas eles acham que devo fazer só isto", diz o diretor, que ano passado prova sua versatilidade ao conquistar o Prêmio Sharp de Melhor Diretor com a peça *O mercador de Venéza*. "Fiquei eufórica quando ele ganhou o prêmio porque foi um reconhecimento de toda uma geração", diz Maria Padilha, que estrelou a peça. "Ninguém passa pelo Amir impunemente porque, quando Peter Brook, ele é um diretor genial que tem os olhos nas estrelas, o pé na lama e uma adaga na mão. E, além de tudo, é uma pessoa muito boa", completa.

ARTIGO/AMIR HADDAD

Nos próximos 60 anos

É tanta coisa que não sei se terei tempo de fazer tudo o que quero nos próximos 60 anos. Muitas vezes pensei em pedir a Deus uma prorrogação razoável do meu tempo aqui no planeta. Apenas o tempo suficiente para fazer o que eu tenho de fazer e ainda não consigo terminar. Falta tão pouco, Deus! Mas depois constatei o óbvio. Nunca vou estar pronto, nada vai estar pronto nunca ou eu gostaria que estivesse e não haveria prorrogação de tempo capaz de mudar este resultado. Na minha área, então, não dá sequer para pensar que alguma coisa ou algum assunto possa ser esgotado. Desta variedade acho que já me libertei totalmente. A vaidade de concluir uma tarefa em vida e viver as glórias e bem-aventanças desta missão bem sucedida.

Já sei há bastante tempo que o máximo que eu posso fazer é contribuir e a isso não me nego nem me negarei nunca. Meu trabalho é apenas uma contribuição, uma humilde e ambiciosa contribuição no vasto, tortuoso, e maravilhoso caminho da Human-

idade. Não trabalho para mim e não espero que os frutos do meu trabalho sejam colhidos apenas minha. Não há salvação individual. Ou nos salvamos todos ou ninguém se salva. O jovem Buda, quando se sentiu maduro e senhor de todos os seus recursos e possibilidades dirigiu-se calmamente para o Paraíso; estava pronto para o Nirvana.

Porém, quando estava às portas da eterna bem-aventurança (seu desenvolvimento moral, intelectual, espiritual, lhe dava direito a isso) já com os pés no Paraíso, resolveu olhar para trás e viu com horror! "Um homem? com amor? que seu peso tinha ficado fora e não o acompanhava nesta viagem final. O então jovem já sabia Buda não teve dúvidas. Voltou. Voltou e passou a usar seu saber para que outras pessoas



O grupo Tá na Rua vai reapresentar Para que servem os pobres

como ele pudessem se iluminar e quem sabe um dia a humanidade chegaria com ele às portas do Nirvana. Uma coisa era certa. Semelhante ele não poderia lá estar e ser feliz. Quem se salva sozinho hoje e sempre, neste mundo, estará certamente tendo de matar sua consciência para não olhar para trás e ver como estão, ver quanto não estão conseguindo e poderiam conseguir se você os ajus-

se de alguma maneira. Por isso não faço planos nenhum para os meus próximos 60 anos de vida — a não ser este de continuar contribuindo para que a vida das pessoas neste planeta possa de alguma maneira melhorar e elas mesmas conseguirem atingir com seus destinos — desatino. No momento, trabalho excessivamente na elaboração de dois projetos importantes: uma escola de Teatro para a cidade de Natal — já em fase de implantação e um grande Centro Internacional de Formação e Desenvolvimento em Teatro e Educação, na cidade de Anchieta, no Espírito Santo, em fase final de elaboração. Além disso estou me preparando para montar os ensaios de *Noite de Reis*, de William Shakespeare, no CCBB, refazer com o Tá na Rua nosso espetáculo *Para que servem os pobres*, arranjando dinheiro para montar *Desabrigado*, de Antonio Fra-

ga, também de rua — sobre a Lapa e o Rio de Janeiro antigo. Além disso, farei oficinas de treinamento para atores de rua no interior do Rio Grande do Norte, para o governo do Estado. E no final do ano começo a ensaiar *O arquitecto e o Imperador da Assíria*, onde entro também como ator.

Dois anos de Natal — no Espírito Santo e no Rio Grande do Norte — e muitos convênios para outros trabalhos — que estão sendo carinhosamente estudados. Ah! e também arranjar apoio e patrocínio para as obras da Casa do Tá na Rua na Lapa. Sei que isto não é agenda que possa preencher meus próximos 60 anos. Mas é trabalho suficiente para me manter vivo forçando novas possibilidades de contribuição. Esta contribuição certamente é e será modesta, mas não quero mais desta vida, nos 60 anos passados e nos 60 que estão por vir, do que me manter afiado com os sentimentos, tendências, paixões e descobertas deste meu tempo. Se eu conseguir ajudar, já terei aperfeiçoado o bastante. As glórias já não sei quero para mim. Os meus afetos que dela se apoderem. Só quero cumprir meu destino. O teatro é vida e minha vida é um grande teatro. Eis como quero durar.